

A person wearing a light blue robe is gently holding a white lamb. The scene is set in a misty, mountainous landscape with soft, ethereal light. The text 'Paz' is overlaid in the upper part of the image.

Paz

Através do
Reino de
Cristo

Paz Através do Reino de Cristo

*Então, a soberania, o poder e a grandeza de todos os reinos debaixo do céu serão entregues ao povo santo do Altíssimo. Seu reino durará para sempre, e todos os governantes o servirão e lhe obedecerão. **Daniel 7:27***

As páginas da história estão manchadas com o sangue da guerra. As disputas entre as nações têm sido quase invariavelmente decididas no campo de batalha. Videntes e sábios imaginaram um dia em que essa prática cruel e sem sentido seria interrompida, e os povos da Terra adotariam um método sensato e justo de conviver uns com os outros. Os profetas da Bíblia, escrevendo sob a inspiração do espírito santo de Deus, predisseram tal tempo, explicando que ele se concretizaria por meio do estabelecimento de um governo mundial ou domínio que imporia arbitrariamente aos povos de todas as nações leis justas e retas, cujo cumprimento garantiria uma paz universal e duradoura.

Nas profecias bíblicas sobre esse tempo vindouro de paz sob um governo mundial, é dada a garantia de que não haverá falha no plano divino, pois o reino prometido será um governo literal e poderoso, perfeitamente organizado e fortemente equipado para desempenhar todas as funções que lhe foram atribuídas nas profecias. É o reino de Cristo; e o reino

de Cristo, revela a Bíblia, é um governo e genuíno. A respeito desse reino e de Cristo, o principal Governante nele, o profeta predisse: “Do aumento do seu governo e da paz não haverá fim.” Isaías 9:6,7

O futuro governo mundial, que será o reino de Cristo, é um dos temas proeminentes da Bíblia. Os profetas do Antigo Testamento predisseram e descreveram com entusiasmo esse governo de origem divina. Uma das primeiras referências a ele foi feita por Jacó, que em seu leito de morte profetizou: “Judá é um filhote de leão; da presa, meu filho, tu te levantaste; ele se abaixou, agachou-se como um leão e como um leão velho; quem o despertará? O cetro não se afastará de Judá, nem o legislador de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele pertencerá a união dos povos.” Gênesis 49:9,10

Essa profecia foi proferida enquanto Jacó e sua família estavam no Egito. Naquela época, no Egito, um leão agachado era o símbolo real do poder e do direito de governar. Assim, a profecia que descreve Judá como um “leão agachado” era uma forma figurativa de dizer que dessa tribo real de Israel viria Aquele a quem o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó haviam prometido a “Semente” que seria o Messias e o Rei. A esse Rei que viria, Jacó atribuiu profeticamente o título “Siló”, que significa “aquele que traz paz”. Sua profecia de que a “reunião do povo” seria em Siló significava simplesmente que esse Governante a ser enviado por Jeová traria, como Príncipe da Paz, paz às nações.

Isaías predisse o nascimento e a exaltação final ao reinado desse grande Rei, dizendo: “Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado; e o governo estará sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.” (Isaías 9:6). Mais adiante em sua profecia, Isaías se referiu a esse futuro Governante da terra como o “Braço” de Jeová e predisse que esse “Braço santo” seria revelado aos olhos de todas as nações, e que “todos os confins da terra” veriam “a salvação de Deus”. Isaías 52:10

A respeito da universalidade do reino messiânico, Davi escreveu: “Todos os confins do mundo se lembrarão e se voltarão para o Senhor; e todas as tribos das nações se prostrarão diante de ti. Pois o reino é do Senhor (Jehová), e ele é o governante entre as nações.” (Salmo 22:27,28). Davi também escreveu a respeito do reino de Jeová: “Todas as tuas obras te louvarão, ó Senhor; e os santos te abençoarão. Falarão da glória do teu reino e contarão do teu poder; para dar a conhecer aos filhos dos homens os teus feitos poderosos e a majestade gloriosa do teu reino. O teu reino é um reino eterno, e o teu domínio perdura por todas as gerações.” Salmo 145:10-13

Daniel, em uma profecia referente aos governantes das várias divisões do antigo Império Romano, tal como se estabeleceram na Europa antes da Primeira Guerra Mundial, escreveu: “Nos dias desses reis, o Deus do céu estabelecerá um reino que nunca será destruído; e esse reino não será entregue a outro povo

, mas esmagará e consumirá todos esses reinos, e permanecerá para sempre.” Daniel 2:44

No Novo Testamento

Citaram-se apenas algumas das muitas promessas registradas no Antigo Testamento relativas ao reino, ou governo, que, no tempo determinado por Deus, governará o mundo. O Novo Testamento continua com o mesmo tema tranquilizador do reino. O anjo que anunciou o nascimento de Jesus disse aos pastores: “Não temais... pois hoje, na cidade de Davi, nasceu-vos um Salvador, que é Cristo, o Senhor.” De repente, uma multidão da hoste celestial cantou: “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.” (Lucas 2:10, 11, 14). O anjo também disse que esse anúncio do nascimento de Cristo, o Messias prometido, era uma boa notícia que acabaria por chegar a “todos os povos”.

As referências do Novo Testamento ao Messias, ao Rei e ao reino a ser estabelecido por ele não são exclusivamente de natureza profética, pois identificam o início do cumprimento das previsões do Antigo Testamento. Enquanto, por exemplo, o Antigo Testamento predizia que o Rei viria, o anjo anunciou aos pastores que agora ele havia nascido. Essa primeira manifestação da boa vontade de Deus para com os homens, em cumprimento de suas promessas, era agora uma realidade.

João Batista, o último dos profetas, também falou da profecia cumprida. Ele disse: “Arrependei-vos, pois o reino dos céus está próximo” (Mateus 3:2). O profeta

Daniel havia profetizado que o Deus do céu iria estabelecer um reino. Deve haver um rei em um reino, e agora a Majestade Real prometida pelo Deus do céu havia aparecido na pessoa de Jesus Cristo.

Jesus pregou: “Arrependei-vos, pois o reino dos céus está próximo.” (Mateus 4:17). Uma tradução mais literal desse texto sugere, tal como anunciado por João Batista, que o Rei do reino prometido pelo Deus do céu havia chegado e estava “próximo”, ou seja, no meio do povo de Israel. Quando Jesus enviou seus discípulos para o ministério, sua comissão a eles foi: “Ao irem, puguem, dizendo: O reino dos céus está próximo.” Mateus 10:7

A nação de Israel conhecia as promessas do reino de Deus. Isso era particularmente verdadeiro para os líderes religiosos da nação, os fariseus e outros. Eles sabiam que muitos consideravam Jesus o Rei prometido que reinaria nesse reino, e perguntaram-lhe “quando viria o reino de Deus”. Jesus respondeu: “O reino de Deus não vem com sinais visíveis (a tradução marginal diz ‘com aparência exterior’). Nem dirão: ‘Eis que está aqui!’ ou ‘Eis que está ali!’, pois, eis que o reino de Deus está dentro de vós (margem: ‘entre vós’). Lucas 17:20,21

Os fariseus tinham pouca ou nenhuma fé de que Jesus tivesse sido enviado ao mundo pelo Deus de Israel para estabelecer o reino messiânico. Eles não conseguiam imaginar alguém realizando uma tarefa como essa sem o apoio de um enorme exército com o qual pudesse conquistar o Império Romano e libertar a nação de Israel de sua escravidão aos Césares.

Jesus percebeu o que se passava em suas mentes, daí sua explicação de que o reino em que ele seria o Rei — — não seria estabelecido dessa maneira. Ele não viria, disse ele, com uma demonstração externa de esplendor e glória como o mundo estava acostumado a ver exibida por um governante conquistador.

Sabendo que os fariseus duvidavam que ele fosse o Rei prometido por Jeová, Jesus explicou ainda, de acordo com uma tradução correta do texto grego, que a Majestade Real dos céus estava entre eles, referindo-se, é claro, a si mesmo. Essa foi uma afirmação ousada para lançar contra esses governantes religiosos hipócritas, mas foi um bom testemunho para eles, embora poucos, se é que algum, acreditassem nisso.

Uma tradução inadequada desse texto gerou muita confusão sobre o que realmente é o reino dos céus. Conforme consta em uma tradução, diz-se: “O reino dos céus está dentro de vocês”. Aqueles que não acreditam nas promessas de Deus de estabelecer um governo literal e mundial na Terra, que trará paz e alegria à humanidade, se aproveitaram desse texto mal traduzido para tentar provar que o testemunho da Bíblia referente ao reino de Deus se refere meramente a um estado saudável e piedoso de coração e mente adquirido por indivíduos que se rendem à influência dos ensinamentos morais e éticos de Jesus, tais como os contidos em seu sermão da montanha. O “crescimento” predito do reino de Cristo, dizem eles, é representado pelo número crescente daqueles que se

submetem a Cristo e procuram obedecer aos seus mandamentos.

A incongruência desse ponto de vista torna-se imediatamente evidente quando levamos em consideração o fato de que a declaração em questão, “ ”, foi feita aos fariseus, homens a quem Jesus havia chamado mais de uma vez de hipócritas, sepulcros caiados e filhos do Diabo. Como poderia o reino de Deus estar dentro do coração de tais pessoas? Mas quando percebemos, como já observado, que o que Jesus realmente disse foi que o Rei do reino predito, que o Deus do céu havia prometido, estava no meio dos fariseus, o pensamento fica claro e está em harmonia com o testemunho geral das Escrituras sobre o assunto.

Aparentemente, é difícil para nossas mentes finitas, caídas e imperfeitas como são, exercer fé na ideia de que o Criador fará alguma coisa específica por suas criaturas humanas. Essa falta de fé por parte do povo professo de Deus tem se manifestado ao longo de todas as eras. Eles imaginaram que as promessas de Deus teriam seu cumprimento por meio de esforços humanos; que as promessas implicavam meramente que Deus colocaria seu selo de aprovação sobre o que seus servos humanos concebiam como certo e, em seu zelo, se esforçavam para realizar.

Como Jesus foi morto por seus inimigos, e séculos se passaram sem nenhuma evidência de um reino visível e literal sendo estabelecido por ele, mesmo tendo ressuscitado dos mortos, foi fácil e natural concluir que as promessas do reino da Bíblia se referiam

meramente ao que os seguidores de Jesus poderiam realizar. Noções tortuosas se desenvolveram devido a essa falta de fé e compreensão. A grande massa de cristãos professos acabou se unindo aos governos civis e chamou sua união profana de “ ” a cristandade ou o reino de Cristo. Milhões de outras pessoas, particularmente nestes últimos anos da era, abraçaram a ideia, como observado, de que o reino de Cristo é meramente uma influência justa ou um impulso sagrado nos corações dos crentes cristãos.

Não é deste mundo

Quando Jesus foi levado perante Pilatos por seus inimigos, a acusação que eles lançaram contra ele foi a de que ele afirmava ser um rei. Tal afirmação, se verdadeira, o tornaria culpado de traição contra o Império Romano. Jesus reconheceu que veio ao mundo para ser rei, mas explicou: “Meu reino não é deste mundo (grego, ‘kosmos’, ordem social): se meu reino fosse deste mundo, então meus servos lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora meu reino não é daqui.” João 18:36,37

A afirmação de Jesus de que seu reino não era deste mundo e que, se fosse, seus servos lutariam, impõe uma condenação divina sobre todas as operações militares promovidas e executadas em nome de Cristo e que alegam ter como objetivo promover os interesses de seu reino. De acordo com essa regra de conduta expressa por Jesus, todas as chamadas guerras santas ao longo dos séculos não foram de

forma alguma santas, mas profanas e não autorizadas por Deus.

Além disso, a explicação de Jesus de que seu reino não era deste mundo significa que o conceito humano de civilização chamado “cristandade”, que significa o reino de Cristo, tem sido um equívoco e, na realidade, uma falsificação do verdadeiro reino de Cristo. Portanto, todas as “ ” — as diversas filosofias que astutamente aplicaram as promessas do reino da Bíblia a um ou outro dos esforços humanos tortuosos para estabelecer um mundo melhor — estiveram em desarmonia e em contradição com o plano divino para o cumprimento das promessas de Deus.

Não há razão válida para que estudantes sinceros e reverentes da Bíblia tenham se entregado a essas filosofias humanas, ou tenham sido enganados por elas, pois Jesus deixou claro que ninguém deveria esperar que seu reino fosse estabelecido durante a era atual. Apenas alguns dias antes de Jesus dizer a Pilatos que seu reino não era deste mundo, ele contou uma parábola aos seus discípulos com o objetivo de ensinar-lhes a mesma importante verdade. A parábola tratava de um certo nobre (representando Jesus) que foi para um país distante para receber um reino e depois voltar. A introdução à parábola explica que ela foi contada por Jesus porque seus discípulos pensavam que seu reino iria surgir imediatamente. Lucas 19:11,12

A esperança dos discípulos

Os discípulos de Jesus acreditavam firmemente que ele era o Messias, o grande Rei, anunciado pelos profetas do Antigo Testamento. Eles acreditavam que ele havia vindo para estabelecer aquele reino prometido, aquele “governo” que estenderia sua esfera de influência até abranger toda a Terra e trazer paz e felicidade a toda a humanidade. Eles estavam certos nessa crença. Mas esperavam que Jesus estabelecesse imediatamente esse governo maravilhoso e poderoso. Nisso estavam errados, como revelou a parábola do “certo nobre”.

Esse ponto de vista equivocado por parte dos discípulos de Jesus era bastante justificável, pois ele os havia levado a acreditar que teriam uma participação proeminente ao seu lado em seu reino, e, em sua visão limitada do plano de Deus, isso implicava que o reino de Cristo teria necessariamente de ser estabelecido ainda durante a vida deles. De que outra forma, segundo raciocinavam, poderiam eles esperar compartilhar com Jesus o governo do reino? De que outra forma a promessa de Jesus poderia ser cumprida: “Não temais, pequeno rebanho; pois é do agrado de vosso Pai dar-vos o reino”? Lucas 12:32

Os apóstolos estavam muito preocupados com a perspectiva de serem associados a Jesus no governo do seu reino e tiveram muitas discussões sobre isso entre si. Tiago e João estavam particularmente ansiosos por garantir posições privilegiadas no reino e pediram à mãe que perguntasse a Jesus se um deles

poderia sentar-se à sua direita e o outro à sua esquerda no seu reino. Jesus não disse que eles não poderiam e não estariam com ele em seu reino, pois lhes havia dado motivos para acreditar que estariam. Ele apenas chamou a atenção para o alto preço que teriam de pagar para estar com ele. Ele perguntou: “Sois capazes de beber do cálice que eu beberei e de ser batizados com o batismo com que eu serei batizado?” A resposta deles foi: “Somos capazes.” Mateus 20:20-22

Jesus respondeu a Tiago e João, dizendo: “Vós, de fato, bebereis do meu cálice e sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado; mas sentar-se à minha direita e à minha esquerda não me cabe conceder, mas será dado àqueles para quem está preparado pelo meu Pai.” (Mateus 20:23). Assim, embora Jesus não tenha prometido a esses dois apóstolos amados uma posição específica em seu reino, explicando que não tinha autoridade para fazer tais designações, ele confirmou o entendimento deles de que compartilhariam o governo do reino com ele se provassem sua dignidade bebendo de seu “cálice” e sendo batizados com seu “batismo”.

Embora eles tenham afirmado que eram “capazes”, ou dispostos, a cumprir esses requisitos, é duvidoso que compreendessem naquele momento exatamente o que estava implícito em beber do “cálice” de Jesus e em ser batizados com o seu “batismo”. Conforme revelado posteriormente no Novo Testamento, Jesus estava convidando seus discípulos a sofrer e morrer com ele. Se tivessem compreendido isso, saberiam

que, de forma alguma, poderiam estar com Jesus na glória de seu reino até que fossem ressuscitados dentre os mortos, e sabiam que isso não aconteceria até o fim da era seguinte. João 11:24; Mateus 13:39

O “cálice” de Jesus era de sofrimento e morte, e ele o bebeu fielmente até as últimas gotas amargas. Seu “batismo” era um batismo de morte, do qual sua imersão na água por João Batista era meramente um símbolo. Paulo escreveu: “Não sabeis que todos nós que fomos batizados em Cristo fomos batizados na sua morte?” (Romanos 6:3). Nada fica mais claro na Bíblia do que o fato de que os discípulos de Jesus nesta era são convidados a seguir seus passos de auto-sacrifício até a morte. Associadas a essas condições de discipulado estão as promessas de que aqueles que se mostrarem fiéis a elas reinarão com ele em seu reino.

Paulo escreveu: “Esta é uma palavra fiel: se morremos com ele, também viveremos com ele; se sofremos, também reinaremos com ele” (2 Timóteo 2:11,12). E ainda: “Ora, se somos filhos, somos herdeiros — herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se é que compartilhamos dos seus sofrimentos para que também possamos compartilhar da sua glória.” (Romanos 8:17). Após sua ressurreição, Jesus disse: “Ao que vencer, concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono.” (Apocalipses 3:21). Jesus também disse: “Sê fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida.” (Apocalipse 2:10). E há ainda aquela maravilhosa promessa a esses fiéis de que

ressuscitarão da morte na “primeira ressurreição” para “viver e reinar com Cristo por mil anos”. Apocalipse 20:4,6

Nascido do Espírito

Em João 3:1-13, somos informados sobre Nicodemos, um governante de Israel, e sobre sua visita a Jesus à noite para aprender mais sobre seus ensinamentos. Jesus explicou a Nicodemos que era preciso nascer de novo para entrar no reino de Deus. Isso pareceu muito estranho a Nicodemos, e ele perguntou como isso poderia ser. Não era um nascimento natural a que Jesus se referia, mas um nascimento do espírito. Ele explicou a esse governante de Israel que aqueles que nascem do espírito são como o vento; isto é, poderosos, mas invisíveis.

Nicodemos, é claro, não compreendeu totalmente o que Jesus quis dizer, mas à luz dos ensinamentos e es subsequentes de Jesus e dos apóstolos, podemos agora ver claramente que aqueles que compartilham o governo do reino com ele terão primeiro que passar por uma mudança de natureza, assim como ele passou. Jesus entregou sua carne, sua humanidade, pela vida do mundo. (João 6:51). Foi esse sacrifício de sua vida humana que proporcionou a redenção para o mundo da humanidade e garantirá a todos a oportunidade de recuperar a vida durante o tempo do reino de Cristo. (Hebreus 2:9; 1 Timóteo 2:3-6). E, tendo sido morto na carne, Jesus ressuscitou dos mortos como um ser divino glorioso, com todo o poder

que lhe foi dado no céu e na terra. Hebreus 1:1-4; Mateus 28:18

Aqueles que sofrem e morrem com Jesus, e na ressurreição são exaltados para viver e reinar com ele, também experimentarão uma mudança de natureza, passando de humana para divina. Pedro escreveu que “nos foram dadas promessas grandiosas e preciosas”, para que por meio delas nos tornássemos participantes da natureza divina. (2 Pedro 1:4). Pedro também escreveu a respeito dos cristãos que o Pai Celestial “nos gerou de novo para uma esperança viva, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus para vós (margem: para nós)”. 1 Pedro 1:3,4

Promessas como essas, quando mal interpretadas, levaram à crença errônea de que todos os que são salvos por meio de Jesus Cristo passarão a eternidade no céu. Mas esse não é o pensamento de forma alguma. Essas promessas celestiais são apenas para os seguidores de passos de Jesus; aqueles que negam a si mesmos, tomam sua cruz e o seguem até a morte sacrificial. (Mateus 16:24). Eles não são convidados a se sacrificar para alcançar a salvação, mas para se mostrarem dignos de viver e reinar com Cristo naquele glorioso reino prometido: o reino que estabelecerá a paz na terra e proporcionará saúde, alegria e vida eterna a todos os que obedecerem às suas leis justas.

Essa exaltação à glória celestial é o que Jesus quis dizer com “nascer do espírito”. (João 3:5,6). Embora

todo verdadeiro seguidor do mestre seja, nesta vida, gerado para essa esperança celestial, é somente na ressurreição que ocorre o nascimento do espírito. Isso está de acordo com a explicação de Jesus de que aqueles que nascem do espírito são, assim como o vento, invisíveis aos olhos humanos e poderosos. Juntamente com Jesus, essa classe, chamada do mundo e que se mostrou fiel durante a era atual, constituirá a fase espiritual do reino messiânico. Na parábola do trigo e do joio, Jesus se refere a eles como “filhos do reino” e explica que “brilharão como o sol no reino de seu Pai”. Mateus 13:25-30, 36-43

“Chaves” do Reino

O convite para seguir os passos de Jesus e, assim, qualificar-se para a co-herança em seu reino, é estendido por meio do evangelho: as boas novas da redenção por meio de Jesus e a oportunidade de vida que alcançará as pessoas por meio dos agentes de seu reino. Jesus explicou que somente pela negação de si mesmo alguém poderia se tornar seu discípulo (Mateus 16:24). Mas o caminho estreito do sacrifício não foi de fato aberto até o Pentecostes, que ocorreu após a morte e a ressurreição de Jesus.

Jesus havia prometido a Pedro que lhe daria as “chaves” do reino dos céus; assim, foi Pedro quem, no Dia do Pentecostes, proclamou a boa nova e abriu oficialmente a porta para o reino. (Mateus 16:19). Isso foi feito em nome dos crentes judeus. Mais tarde, foi Pedro quem também proclamou pela primeira vez o evangelho do reino aos gentios. Isso aconteceu na

casa de Cornélio, o primeiro gentio convertido. Assim, Pedro usou as chaves do reino.

Isso não significava que o reino tivesse sido estabelecido no Pentecostes, como muitos acreditam erroneamente. Significa simplesmente que ali começou a seleção daqueles que governarão com Jesus no reino. As chaves do reino dos céus usadas por Pedro eram chaves para a oportunidade de governar no reino como co-herdeiros com Cristo. O caminho para essa posição elevada no reino é difícil. Paulo disse que é por meio de “muitas tribulações” que alguém pode entrar no reino. Atos 14:22

Aqueles que são chamados por Deus para essa posição exaltada no reino não são, via de regra, os grandes, os poderosos ou os nobres deste mundo, embora não haja discriminação contra eles. É simplesmente que, em suas atuais posições de honra e autoridade, os termos do “caminho estreito” parecem custar muito caro. Tiago escreveu: “Não escolheu Deus os pobres deste mundo, ricos em fé, e herdeiros do reino, que ele prometeu àqueles que o amam?” (Tiago 2:5). Mas sejam ricos ou pobres, pequenos ou grandes segundo os padrões deste mundo, Jesus ensinou que todos devem tornar-se como “criancinhas” — humildes, inocentes, infantis — para entrar no reino. “Desses”, disse Jesus, “é o reino dos céus” (Mateus 18:3; Marcos 10:14,15). Jesus não estava dizendo aqui que o reino seria composto de bebês.

João Batista

Jesus disse: “Entre os nascidos de mulher, não surgiu ninguém maior do que João Batista; contudo, o menor no reino dos céus é maior do que ele.” (Mateus 11:11). Se entrar no reino dos céus fosse, como ensina a teologia tradicional, um meio de escapar do fogo do inferno, quão estranha seria, de fato, essa afirmação de Jesus. Mas graças a Deus por uma compreensão melhor do que essa do reino. Aqui, como em tantos outros casos, Jesus usa a expressão “reino dos céus” para denotar a fase espiritual ou celestial daquele glorioso governo da promessa que, por fim, reinará sobre todas as nações e as abençoará; e João Batista não terá parte na fase celestial do reino.

“A Lei e os profetas duraram até João”, disse Jesus, “desde então o reino de Deus é pregado” (Lucas 16:16). Em relação à Lei dada no Monte Sinai e às recompensas oferecidas pela obediência a ela, o Senhor havia dito ao povo de Israel: “Se vocês realmente obedecerem à minha voz e guardarem a minha aliança, [...] vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Êxodo 19:5,6). A nação como um todo não se qualificou para essa posição prometida como reino de sacerdotes. Mas os profetas e outros fiéis, como indivíduos, sim se qualificaram. De fato, os antigos patriarcas, embora não estivessem sob a Lei escrita, foram fiéis aos preceitos que ela proclamava, e Deus cumprirá sua promessa para com eles.

Todos esses “Virtuosos da Antiguidade” serviram a Deus lealmente porque tinham fé nas promessas do reino messiânico. Deus não lhes ofereceu uma esperança celestial. A expectativa deles era ser restaurados à vida como seres humanos na Terra. Paulo lista muitos deles no capítulo 11 de Hebreus e fala de seu sofrimento por causa da justiça, explicando que eles perseveraram e morreram, crendo que teriam uma “melhor ressurreição”. (Hebreus 11:35, 39-40). Essa ressurreição melhor será para a perfeição humana e para uma posição de mestres e líderes entre o povo.

Jesus disse ao povo de sua época: “Haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaque e Jacó, e todos os profetas (incluindo João Batista, o último dos profetas), no reino de Deus, e vós mesmos fordes expulsos. E virão do Oriente, do Ocidente, do Norte e do Sul, e se assentarão no reino de Deus.” O relato de Mateus diz que eles se assentarão com “Abraão, Isaque e Jacó”. Mateus também identifica aqueles “expulsos” como os “filhos do reino”. Lucas 13:28,29; Mateus 8:11,12

Os “filhos do reino”, aqueles que, pela fidelidade à Lei, poderiam ter se qualificado para ser um “reino de sacerdotes”, ficarão, quando ressuscitarem dos mortos, profundamente decepcionados ao descobrirem que não ocupam essa posição honrosa. Sua decepção é descrita pela expressão “choro e ranger de dentes”. Mas Jesus explica quem ocupará essa posição. Serão os Antigos Dignos: “Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas”. O povo irá até eles

no sentido de reconhecê-los como os representantes do reino messiânico, que então estará no controle dos assuntos da Terra.

Esses, então, constituirão a fase terrena do reino de Cristo. No Salmo 45:16, é-nos dito que eles serão feitos “príncipes em toda a terra”. Embora João Batista não esteja com Jesus na fase celestial do reino, ele será um desses “príncipes” terrenos que representarão os governantes celestiais — Cristo e aqueles que sofreram e morreram fielmente ao seguir seus passos de auto-sacrifício.

Assim, a estrutura organizacional do reino de Cristo estará completa. Seu pessoal, tanto na fase celestial quanto na terrena, terá sido previamente testado e treinado, e ressuscitado dos mortos para assumir seus cargos como governantes e instrutores nesse reino. Jesus foi o primeiro a ser ressuscitado dos mortos e, ao longo da era atual, tem supervisionado o chamado e o treinamento de seus co-herdeiros. Ele tem servido como seu advogado no trono da graça celestial. Ele tem sido seu Bom Pastor, seu Conselheiro e Guia. Ele tem sido seu Senhor e Mestre, sua Cabeça.

Com a obra de chamado e treinamento de seus co-herdeiros concluída, e sua ressurreição dentre os mortos e exaltação à natureza divina realizadas, então virá a “melhor ressurreição” de seus representantes humanos, os “príncipes”, e juntos, harmoniosa e gloriosamente, essas duas fases do reino há muito prometido começarão a funcionar.

Haverá também uma “grande multidão” de “servos” espirituais no reino. Dizem-nos que estes estarão “diante” do trono, não “no” trono, não como governantes no reino. Embora as Escrituras não especifiquem exatamente como estes servirão, aparentemente será como elo de ligação entre as fases celestial e terrena do reino. Essa “grande multidão” é descrita em Apocalipses 7:9, 10, 13-17.

Que “reino”, ou governo, completo e perfeitamente organizado será este! Em Miquéias 4:1-4, ele é simbolicamente descrito como a “montanha da casa do Senhor”. A montanha é um símbolo do reino, e a casa é a família governante de Deus, ou a casa governante. Nesta profecia, as duas fases do reino são simbolizadas como “Sião”, a espiritual, e “Jerusalém”, a terrena. A profecia afirma que nos “últimos dias” a “montanha da casa do Senhor será estabelecida no cume das montanhas, ... e os povos afluirão para ela”.

Em uma profecia semelhante registrada em Isaías 2:2,3, diz-se “Todas as nações afluirão para ela, e muitos povos virão e dirão: Vinde, subamos à montanha do Senhor, à casa do Deus de Jacó; e ele nos ensinará os seus caminhos, e andaremos nas suas veredas; pois d , de Sião (Cristo e seus seguidores de passos), sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém (os Antigos Dignos).”

Miquéias 4:3 continua: “Ele”, o Senhor, o grande Rei e Juiz, “julgará entre muitos povos e repreenderá nações poderosas que estão longe”. Quão evidente fica a partir disso que o reino de Cristo exercerá um

forte controle sobre os assuntos dos homens, chegando até a “repreender” nações poderosas que, a princípio, não se ajoelham diante de seu governo justo. É impossível harmonizar profecias como essa com a teoria errônea de que o reino de Deus é meramente um espírito justo nos corações dos indivíduos.

Como resultado de aprender os caminhos do Senhor sob o governo do reino de Cristo, e se necessário sendo “repreendidas” ou disciplinadas no processo, as nações irão, continua o profeta, “transformar suas espadas em relhas de arado e suas lanças em podadeiras: nação não levantará espada contra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas cada um se sentará debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira; e ninguém os amedrontará; pois a boca do Senhor dos Exércitos falou.” Miquéias 4:4

Súditos do Reino

Além do fato de que o reino de Cristo tem tanto uma fase espiritual quanto uma fase terrena, ele também tem tanto governantes quanto aqueles que são governados, os súditos. É importante, no estudo da Bíblia, observar essa distinção. Quando Jesus prometeu a seus discípulos que eles estariam com ele em seu reino, a referência era ao aspecto governante do reino, de que eles seriam “reis e sacerdotes” no reino com ele. (Apocalipses 5:10; Apocalipses 20:4,6). O ladrão na cruz pediu a Jesus que se lembrasse dele em seu reino, e Jesus respondeu: “Em verdade te digo hoje, estarás comigo no paraíso.” (a colocação da

vírgula está incorreta em muitas traduções). (Lucas 23:43). Essa foi uma promessa ao ladrão de que ele poderia ser um dos súditos do reino.

A razão pela qual Jesus usou aqui a palavra Paraíso é que seu reino restaurará as condições do paraíso em toda a terra. Nossos primeiros pais desobedeceram à lei de Deus e foram expulsos do Paraíso, mas a vontade ou a lei de Deus será restabelecida pelo reino, e o Paraíso será restaurado. Toda a terra se tornará como o Jardim do Éden e será preenchida pela raça humana restaurada e aperfeiçoada. Esses serão súditos do reino. E que súditos felizes eles serão!

Utilizando novamente uma “montanha” para simbolizar o reino, o profeta Isaías escreveu que, nessa montanha, o Senhor “engolirá a morte para sempre; e o Senhor Deus enxugará as lágrimas de todos os rostos”. (Isaías 25:6-9). Aqueles que morreram serão despertados da morte e receberão a oportunidade de desfrutar das bênçãos vivificantes do reino. Temos essa garantia do apóstolo Paulo em sua primeira carta à igreja em Corinto, capítulo 15, aquele maravilhoso capítulo sobre a ressurreição dos mortos. Primeiro, ele descreve a ressurreição daqueles que viverão e reinarão com Cristo, explicando que estes serão exaltados à imortalidade. Continuando, ele diz: “Então se cumprirá a palavra que está escrita: ‘A morte foi tragada pela vitória. Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepultura, onde está a tua vitória?’” 1 Coríntios 15:54,55

Isso será incluído na obra do reino. Paulo explica que Cristo reinará até que todos os inimigos sejam colocados “sob seus pés”, e que “o último inimigo a ser destruído é a morte” (1 Coríntios 15:25-26). Nessa gloriosa obra do reino, os seguidores de Jesus terão participação, pois este é o reino que, de acordo com nosso texto, “será dado ao povo dos santos do Altíssimo” (Daniel 7:27). É também o reino predito em Apocalipses 11:15, onde lemos: “Os reinos deste mundo tornaram-se os reinos do nosso Senhor e do seu Cristo; e ele reinará para todo o sempre.”

Embora milhares de anos sejam consumidos na preparação para este reino, quando finalmente chega o tempo de ele ser estabelecido, ele cumpre tudo o que Deus prometeu. A autoridade do reino se manifesta pela primeira vez ao mundo em um grande “tempo de angústia, como nunca houve desde que existe uma nação”, destruindo os “reinos deste mundo” (Daniel 12:1; Mateus 24:3, 21, 22; Apocalipses 2:26, 27). Mas, além disso, como revela Apocalipses 11:18, o seu estabelecimento marcará o tempo da ressurreição dos mortos, quando os “santos” desta era forem exaltados para reinar com Cristo por mil anos na fase espiritual do reino, e quando os antigos profetas serão feitos “príncipes em toda a terra”.

Então, também, o mundo inteiro será iluminado, e todos, pequenos e grandes, aprenderão a reverenciar o Senhor. Aqueles que continuarem a se opor deliberadamente a Deus e à justiça, descritos nesta

profecia como aqueles que “destruem a terra”, serão eles próprios “destruídos dentre o povo”. Atos 3:23

Então a obra do reino estará concluída, e Deus, o Criador do céu e da terra, será, como Paulo predisse, “tudo em todos”. (1 Coríntios 15:24-28). Assim, por meio dos agentes do reino, terá sido realizada a completa satisfação da oração de todo cristão: “Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.” (Mateus 6:10). Nenhuma oração que já tenha sido feita terá tido uma resposta mais completa e gloriosa!